
A FORMA DO ROMANCE HISTÓRICO EM *AGOSTO*, DE RUBEM FONSECA

Jallys Martins Mendes¹
Maxsuel Pereira Barbosa²

Resumo: Na obra *Agosto*, o escritor brasileiro Rubem Fonseca narra a crise política de 1954, que culminou com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Assim, este estudo tem por objetivo identificar os elementos clássicos do romance histórico presentes nessa narrativa. Para tanto, fundamentou-se este estudo no constructo teórico de Lukács (2011), na crítica literária de Anderson (2007) e na historiografia a partir de Castro (2013), Cunha (2018) e Medeiros (2020). Com relação ao método de pesquisa, foi utilizado a revisão bibliográfica somada ao método comparativo para identificar os elementos clássicos do romance histórico na obra em questão. O problema norteador desta análise é: como Rubem Fonseca figura a crise de 1954 através da forma do romance histórico em *Agosto*? Logo, conclui-se que, mesmo havendo diferenças quanto à motivação do romance histórico clássico e a de *Agosto*, de Rubem Fonseca, os seus elementos essenciais o configuram como um legítimo romance histórico.

Palavras-chave: Literatura. Romance Histórico. História. Getúlio Vargas.

THE SHAPE OF THE HISTORICAL NOVEL IN *AGOSTO*, BY RUBEM FONSECA

Abstract: In the work *Agosto*, the Brazilian writer Rubem Fonseca narrates the political crisis of 1954, which culminated in the suicide of President Getúlio Vargas. Thus, this study aims to identify the classic elements of the historical novel present in this narrative. Therefore, this study was based on the theoretical construct of Lukács (2011), on the literary criticism of Anderson (2007) and on the historiography from Castro (2013), Cunha (2018) and Medeiros (2020). Regarding the research method, a bibliographic review was used in addition to the comparative method to identify the classic elements of the historical novel in the work in question. The guiding problem of this analysis is: how does Rubem Fonseca figure the 1954 crisis through the form of the historical novel in *Agosto*? Therefore, it is concluded that, even with differences in the motivation of the classic historical novel and that of *Agosto*, by Rubem Fonseca, its essential elements configure it as a legitimate historical novel.

Keywords: Literature. Historical novel. History. Getúlio Vargas.

Introdução

Esse artigo é o resultado do estudo da teoria lukácsiana expressa na obra *O romance*

¹ Mestre em Filosofia pela UFMT. Especialista em Ensino de Filosofia pela UCAM. Licenciado em Filosofia pela PUC Campinas. Professor efetivo de Filosofia da Rede Estadual de Educação do Mato Grosso. E-mail: jallysmendes@gmail.com

² Doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Licenciado em Letras/Português pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E-mail: maxsuelbarbosa@gmail.com

Histórico (2011) aplicada ao romance *Agosto* (2011), de Rubem Fonseca. Buscou-se identificar com esse estudo as forças políticas e sociais em conflito durante a crise de agosto de 1954, as quais podem ser relacionadas às figuras históricas envolvidas na trama. Entre elas destacam-se Getúlio Vargas, Carlos Lacerda, Gregório Fortunato e o Major Rubens Vaz. Assim, pensar a relação entre literatura e história se faz necessária para compreender o universo ficcional de *Agosto*.

Rubem Fonseca narra em *Agosto* o cenário político e social brasileiro em meados do século XX, em que forças antagônicas em disputa estavam polarizadas entre getulistas e lacerdistas. Durante a crise estabelecida, o assassinato de um industrial movimenta as investigações que colocam o comissário de polícia, Alberto Mattos, no epicentro do conflito ocasionado pelo atentado a Carlos Lacerda. Por incomodar os altos estratos sociais, o comissário acaba por despertar a ira de pessoas poderosas.

No romance em questão, o autor apresenta as forças políticas e sociais em conflito, permeadas por uma trama envolvendo assassinatos e intrigas de múltiplas espécies, cujo desfecho levou Getúlio Vargas ao suicídio em 24 de agosto de 1954. Concernente à crise que desencadeou a morte trágica de Vargas, coloca-se o seguinte problema: Como Rubem Fonseca figura a crise de 1954 através da forma do romance histórico em *Agosto*?

Com o intuito de responder a esse questionamento, esse estudo alicerça-se nas teorias que problematizam a relação entre literatura e história. Na perspectiva dos estudos literários, György Lukács, em *O romance histórico* (2011), e Perry Anderson, no artigo *Trajetos de uma forma literária* (2007), são referenciais teóricos básicos. No que compete à historiografia, esse estudo está fundamentado no constructo teórico de Castro (2013), Cunha (2018), Medeiros (2020) e fontes históricas documentais de agosto de 1954. Desse modo, ao assumir uma abordagem dialética do tema proposto, recorreu-se ao método comparativo somado à pesquisa bibliográfica.

Além de ser uma forma literária, o romance histórico é também um instrumento que permite visitar o passado através da arte. Desse modo, esse trabalho tem por objetivo identificar os elementos clássicos do romance histórico em *Agosto*. E, por conseguinte, compreender os elementos que fazem de um romance uma forma romanesca de extração histórica e não apenas um romance com roupagem ou temática histórica. Com esse propósito, foi realizada a análise comparativa entre a forma clássica do romance histórico inaugurada por Walter Scott e o romance *Agosto* objeto desse estudo.

No que concerne à teoria literária, a forma do romance histórico nasceu com a publicação de *Waverley* (1814), de Walter Scott, no final da Revolução Francesa. De acordo com a teoria lukácsiana, ela – a forma do romance histórico – é a “figuração do passado como pré-história do presente”³, ou seja, a realidade pretérita representada por essa forma romanesca mantém estreita relação com o presente de criação da obra literária. Por isso, ela consiste em representar o ser da época e as forças políticas e sociais em conflito, cujos desdobramentos influenciaram a posteridade. É evidente que o contexto de nascimento do romance histórico e o contexto da escrita de *Agosto* são diferentes, o que faz com que o romance histórico de Rubem Fonseca seja diferente da forma pioneira de Walter Scott. Mesmo assim, os elementos essenciais do romance histórico são preservados em *Agosto*.

Portanto, o escopo deste estudo se concretiza com a análise comparativa entre a prosa romanceada de Walter Scott e a de Rubem Fonseca. Com essa análise é possível compreender o lugar de destaque de Getúlio Vargas na história nacional, bem como seu lugar como personagem central no romance de Fonseca. Além disso, fica evidente os contrastes políticos e sociais vigentes e a influência desses eventos na vida popular, sem perder de vista, é claro, o protagonismo dos indivíduos anônimos no curso da história.

1 O governo democrático de Getúlio Vargas e a crise de 1954

A forma do romance histórico busca representar uma situação de crise, um conflito real no qual a nação está dividida. Assim, o autor de romance histórico tenta resgatar o ser da época e demonstrar, através da prosa de ficção, as forças em conflito. No caso de *Agosto*, a realidade retratada é a crise de 1954 e as forças em conflito podem ser identificadas no embate entre getulistas e lacerdistas. A partir desse recorte temporal, Rubem Fonseca constrói uma narrativa em que a história e a ficção se entrelaçam. Concernente a isso, é fundamental a análise historiográfica para compreender a intersecção entre a história e a ficção.

A historicidade de *Agosto* fica a cargo da crise de 1954, protagonizada pelo “pai dos pobres”, como ficou conhecido Getúlio Vargas quando governou o Brasil pela primeira vez (1930-1945) e retornou ao poder em 1951. Diferente do período do Estado Novo, Vargas encontrou um país diverso daqueles tempos quando governara como ditador. Seu regresso à

³ Texto extraído da apresentação escrita por Arlenice Almeida da Silva para a obra *O romance Histórico*, de György Lukács, Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

presidência da República exigia dele respeito à institucionalidade democrática e maior habilidade para dialogar com as diferentes forças políticas e sociais existentes naquele contexto. Governar o Brasil democraticamente foi, para Vargas, um desafio em sua carreira política, culminando com seu suicídio em 24 de agosto de 1954.

Getúlio Vargas foi eleito presidente da República em 1950 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Mesmo estando filiado a um partido político, sua imagem durante o período eleitoral foi de alguém que estava para além da política partidária. Vargas pretendia governar de maneira extrapartidária, articulando com as forças políticas existentes o apoio necessário para garantir a governabilidade. Mas seu projeto não se concretizou, pois o cenário político a que estava acostumado não existia mais. Desse modo, ao longo de seu governo democrático, Vargas foi atacado pelos seus opositores diariamente, tanto no parlamento quanto nos veículos de imprensa. As críticas se estenderam até mesmo a setores antes fiéis a ele, como ressaltou Castro (2013, p. 26):

A composição governamental muito prejudicou a sobrevivência do governo. E, ao tentar governar sem vínculo partidário expresso Vargas, sob seu governo, uniu elementos partidários diversos e, por vezes, antagônicos, tentando conciliar a incompatibilidade existente entre eles e suas propostas. Acreditava conveniente manter seus opositores dentro do governo a perdê-los de vista. Essa postura lhe impossibilitou criar uma base sólida, institucional, que lhe auxiliasse a gerir crises e fazer frente a oposição.

A fragilidade do governo de Getúlio Vargas, como visto, já era demonstrada desde a sua composição. Sem o apoio das elites partidárias, sua base de sustentação foi confiar na fidelidade do povo que o admirava por seus feitos populares anteriores. Mas diante de uma inflação crescente que corroía o salário-mínimo, cujo reajuste ocorreu apenas uma vez após sua criação em 1943 (CASTRO, 2013), além da cruzada da oposição para o depor, Vargas se viu isolado e pouco hábil para gerir crises. Diante da greve geral de 1953, por exemplo, o presidente, por meio de seu ministro do trabalho, João Goulart, duplicou o salário-mínimo com o intuito de conter a greve e “reedificar os pilares populares que pudessem sustentar o poder de Vargas” (CASTRO, 2013, p. 41).

Paralelamente à insatisfação popular, Getúlio Vargas recebia críticas ferozes de seus opositores no Congresso Nacional. O principal partido de oposição ao seu governo, a União Democrática Nacional (UDN), não media esforços para incitar o povo contra o governo. Carlos Lacerda (1914-1977), filiado à UDN, dava coro às críticas utilizando sua *Tribuna da*

*Imprensa*⁴, por meio da qual tornou-se o principal adversário de Getúlio Vargas no âmbito dos meios de comunicação de massas. Em um ambiente de popularização do rádio e do advento da televisão em 1950, além do jornal impresso, Lacerda utilizou desses recursos para desestabilizar o governo a partir de suas bases populares, acusando não só o governo, mas a pessoa do presidente, de crimes de corrupção e de usar o poder em benefício próprio. Segundo Lacerda, Vargas havia transformado o governo “num mar de lama”, como destacou Medeiros (2020, p. 05):

Os ataques pessoais a Getúlio eram frequentes na ‘Tribuna da Imprensa’. Para o colunista do *Correio*, o político gaúcho era ‘um perigo nacional’ que assombrava a democratização da política brasileira. Era um ser amoral que se baseava unicamente na ‘satisfação de seus desejos elementares’.

O engajamento político de Carlos Lacerda teve início no comunismo, mas no decorrer de sua trajetória política se afastou do mesmo, principalmente quando os comunistas se aliaram a Vargas durante o Movimento Queremista⁵. Lacerda se converteu ao catolicismo e gradativamente se via familiarizado com os princípios “[...] liberal, conservador, anticomunista e moralista” (MEDEIROS, 2020, p. 05) da UDN. Por sua contundente atuação política, fundamentada no sentimento anticomunista e antigetulista, e pelas possíveis represálias que poderia sofrer decorrente dela, “alguns oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB) o aconselharam a não andar desacompanhado, oferecendo suas companhias como segurança ao jornalista no comparecimento aos seus compromissos de trabalho” (CUNHA, 2018, p. 160), visto que que, nos idos de 1954, Lacerda disputava a vaga de deputado federal.

A preocupação dos oficiais da FAB se concretizou na madrugada do dia 05 de agosto de 1954, quando Carlos Lacerda, acompanhado de seu filho e do Major Rubens Florentino Vaz, ao retornar de um compromisso de campanha, foram surpreendidos por tiros na porta do edifício onde moravam na rua Toneleros, em Copacabana. O objetivo do atentado não foi concretizado, mas vitimou o Major Rubens Vaz com dois tiros fatais. Gradativamente, setores das Forças Armadas, principalmente da FAB, romperam com o governo. No mesmo dia do

⁴ A *Tribuna da Imprensa* surgiu como coluna no jornal *Correio da Manhã*, de propriedade de Paulo Bittencourt, onde Carlos Lacerda escrevia crônicas sobre os trabalhos da Assembleia Constituinte de 1946. Após romper com o proprietário, Carlos Lacerda fundou seu próprio jornal em 1949 com o apoio de seus correligionários da UDN e de setores conservadores da Igreja Católica.

⁵ O Queremismo foi um movimento espontâneo que surgiu entre as massas populares contra a deposição de Getúlio Vargas em 1945. Recebeu esse nome por causa das palavras de ordem proferidas por seus adeptos: “Nós queremos Getúlio”. Além da defesa da permanência de Vargas no poder, o movimento pretendia garantir os direitos trabalhistas conquistados. O movimento contou com o apoio dos comunistas.

atentado, Lacerda publicou um editorial na *Tribuna da Imprensa* acusando diretamente Getúlio Vargas de ser o mandante do atentado contra a sua vida. A comoção pela morte do Major Vaz tomou a população de tal maneira que o presidente era culpado perante a opinião pública.

[...] perante Deus, acuso um só homem como responsável por esse crime. É o protetor dos ladrões, cuja impunidade lhes dá audácia para atos como o desta noite. Esse homem chama-se Getúlio Vargas. Ele é o responsável intelectual por esse crime (LACERDA, 1954, p. 01).

Com o andar das investigações, foi confirmada a participação de membros da guarda pessoal de Getúlio Vargas no atentado contra Lacerda, sendo seu mandante Gregório Fortunato (o Anjo Negro, chefe da guarda e fiel protetor de Getúlio Vargas), José Antônio Soares e Climério Euribes de Almeida. Este último foi o responsável por contratar o pistoleiro Alcino João do Nascimento para executar o crime. Quanto a Gregório Fortunato, desde antes do atentado, “era apresentado à opinião pública como símbolo da corrupção que, supostamente, crescia no interior do governo federal, sendo acusado de se aproveitar da sua proximidade com o poder para aplicar uma política clientelística e de favoritismo”⁶. Desse modo, Getúlio Vargas dissolveu a guarda presidencial, dada a crise político-militar instaurada.

A partir do atentado da rua Toneleros, Getúlio Vargas se viu encurralado. Não havia mais possibilidade de contornar a situação. O “mar de lama” que tanto havia sido denunciado pela oposição havia se confirmado perante a opinião pública. As Forças Armadas se movimentavam para uma possível intervenção militar. Nem mesmo o Ministro da Guerra, General Zenóbio da Costa, demonstrava claramente estar do lado do governo. Assim, em uma última reunião ministerial, foi sugerido a Vargas uma licença do cargo, mas, horas depois, a licença foi convertida em vacância da presidência com o suicídio do presidente, cuja notícia foi recebida com grande comoção por todo o país, virando o jogo político em favor daquele que resistira à renúncia e ao golpe de Estado.

⁶ As informações referentes à Gregório Fortunato utilizadas para esse estudo estão disponíveis no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/gregorio_fortunato. Acesso em: 30 novembro 2020.

2 A realidade e a ficção no romance *Agosto*

Rubem Fonseca (1925-2020) narra no romance *Agosto* as investigações do assassinato do industrial Paulo Machado Gomes Aguiar, presidente da Cemtex, na madrugada do dia 01 de agosto de 1954. As investigações que se seguem levam o comissário responsável pelas investigações, Alberto Mattos, a seguir a falsa pista de um anel encontrado no local do crime, que erroneamente indica como possível responsável Gregório Fortunato, o chefe da guarda presidencial, como narrado por Fonseca (2011, p. 19).

O morto, um homem de cerca de trinta anos, grande, musculoso, magro, estava estendido na cama inteiramente nu. No rosto, vários hematomas. Marcas no pescoço. Os lençóis estavam manchados de sangue, matéria fecal e urina. [...] O comissário com o cotovelo abriu a cortina do box do chuveiro. [...] Ajoelhou-se. Era um anel largo de ouro.

Além da morte de Paulo Aguiar, a trama de *Agosto* gira em torno de outras três mortes: a morte do major da aeronáutica, Rubens Vaz; a do presidente da República, Getúlio Vargas; e a do próprio comissário de polícia, Alberto Mattos. Essas quatro mortes são os pilares do enredo. Duas histórias paralelas, uma fictícia e outra verídica, cruzam-se em uma investigação policial em que são figuradas negociatas políticas, uma série de assassinatos, o ambiente de contravenção do jogo do bicho, a corrupção policial, o submundo da falsa moralidade e a divisão política na qual vivia o Brasil no ano de 1954, isto é, os partidários de Getúlio Vargas e aqueles que nutriam do sentimento antigetulista em plena Guerra Fria.

No campo da realidade histórica, as investigações de Alberto Mattos o conduzem ao epicentro da crise política de 1954, a tentativa de assassinato de Carlos Lacerda e o suicídio de Getúlio Vargas. O anel encontrado na cena do crime leva o comissário a perseguir uma pista falsa, fazendo-o supor ser Gregório Fortunato o assassino do presidente da Cemtex. De fato, o chefe da guarda presidencial é responsável por um crime, o atentado a Lacerda, o qual vitimou o major Vaz. As semelhanças físicas entre Gregório Fortunato e o verdadeiro assassino, Chicão, e o anel de ouro que ambos possuem confundem o protagonista fazendo com que ambas as histórias se cruzem.

O protagonista, Alberto Mattos, por seu sólido caráter, desperta a ira de figuras poderosas e influentes no meio político e empresarial carioca. Essa ira é provocada por ele não ter sucumbido à corrupção policial, o que o tornou, aos olhos dos companheiros e dos

contraventores, motivo de “uma ameaçadora manifestação de orgulho e demência” (FONSECA, 2011, p. 13). O caráter do comissário Mattos contrasta com a corrupção enraizada na sociedade brasileira, tal como nos apresenta Rubem Fonseca em diálogos como o de um senador com um industrial: “‘Você não passa de um filho da puta corrupto’. Disse Lomagno. Somos todos filhos da puta corruptos, aqui nessa mesa. Aqui nesse país”. (FONSECA, 2011, p. 108).

Agosto é narrado em terceira pessoa, seguindo a perspectiva do próprio protagonista que ora se deixa levar pela ingenuidade, ora pela sagacidade e inteligência. Por seu estilo brutal, a obra choca o leitor pela linguagem coloquial, carregada de gírias e erotismo. Mesmo assim, a clareza e a imparcialidade da narrativa permitem ao leitor uma compreensão nítida da realidade e do ambiente ficcional. O estilo brutalista de Fonseca e a sua capacidade de representar a realidade dos grandes centros urbanos, como a cidade do Rio de Janeiro, apresenta-se contendo alguns elementos da narrativa policial. Mesmo assim, o elemento histórico se sobressai e é o que configura a verdadeira estética da obra.

3 Elementos clássicos do romance histórico na obra *Agosto*

O romance histórico surgiu no século XIX, mais precisamente em 1814, com a publicação da obra *Waverley*, de Walter Scott. O romance histórico como forma literária vai além do romance social do século XVIII ou dos romances anteriores com temática histórica. Em sua forma clássica, ele se constitui essencialmente pelo fator histórico, isto é, pelo “fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo” (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Além do elemento histórico, esta forma romanesca pode ser compreendida ainda como, “quase por definição, o mais consistentemente político” (ANDERSON, 2007, p. 205). Sendo assim, a prosa romanceada de Scott, e de todos aqueles que por ele foram influenciados - tais como Manzoni, Tolstói, Balzac -, nos permite compreender as forças políticas e sociais em voga no tempo figurado e a maneira como essas forças influenciaram a vida dos indivíduos. Isso é possível graças às mudanças pelas quais a compreensão da história passou após a Revolução Francesa. A partir dessas mudanças, surgiram “possibilidades concretas para que os homens apreendam sua própria existência como algo historicamente condicionado, vejam na história algo que determina profundamente sua existência cotidiana,

algo que lhes diz respeito diretamente” (LUKÁCS, 2011, p. 40).

As características típicas de um romance histórico elencadas por Lukács em *O romance histórico* (2011) podem ser identificadas no romance *Agosto*. Os elementos políticos; as forças antagônicas existentes no recorte temporal; a construção dos personagens e a maneira como interagem, relacionando o “alto” e o “baixo” dos estratos sociais; a presentificação do passado, a consciência histórica, o protagonismo das massas populares no curso dos acontecimentos; a representação das grandes figuras conhecidas da história e o novo papel do diálogo no romance são características percebidas na estética de *Agosto*. Tais características fazem dele, guardadas as distâncias temporais entre Fonseca e Scott, um típico romance histórico.

Walter Scott introduziu na literatura épica “o amplo retrato dos costumes e das circunstâncias dos acontecimentos, o caráter dramático da ação e, em estreita relação com isso, o novo e importante papel do diálogo no romance” (LUKÁCS, 2011 p. 47). Essas características podem ser identificadas em *Agosto*. Os diálogos da obra nos permitem compreender como eram os costumes e a mentalidade dos personagens, sem reduzi-los a uma simples descrição dos hábitos e costumes do passado. A dramaticidade das ações, aliada a uma construção sólida e envolvente a partir da interação dos personagens, permitem ao leitor adentrar no âmago da vida representada. Isso pode ser identificado no trecho em que a viúva de Paulo Machado é interrogada na presença de seu advogado Galvão pelo comissário Mattos:

‘Seu marido tinha algum inimigo?’

‘Não’.

‘Seu marido costumava dormir nu?’

Luciana não respondeu. Olhou para Galvão, como quem diz: sou obrigada a suportar isso?

‘[...] Ele costumava dormir nu? O corpo foi encontrado nu na cama.’

‘Paulo não era um homem de hábitos rígidos’, disse Luciana.

‘Doutor, há dias em que durmo de pijamas, outro em que não durmo de pijamas. Creio que a maioria das pessoas é assim’, disse Galvão.

‘[...] A senhora viu esse anel antes?’

‘Não’.

‘Estava no box do banheiro’.

‘Não é do meu marido. Ele nunca usou um anel’ (FONSECA, 2011, p. 35-36).

A forma clássica do romance histórico inaugurada por Walter Scott representa sempre o “‘caminho do meio’ entre os extremos e esforça-se para demonstrar sua realidade histórica pela figuração ficcional das grandes crises da história inglesa” (LUKÁCS, 2011, p. 49).

Também Rubem Fonseca figura um momento de crise, a crise política de 1954, reportando ao leitor os extremos em conflito, a saber, getulistas e lacerdistas. A crise retratada permite compreender os fatos históricos, suas tendências políticas e sociais, e as implicações que aquela crise representou para o futuro político do Brasil. O suicídio de Getúlio Vargas, fato histórico narrado em *Agosto*, atrasou em 10 anos a intervenção militar, concretizada em 1964 com a deposição de João Goulart. Essa mediania, o “caminho do meio”, utilizado por Scott foi objeto de análise de Lukács. Segundo ele:

Scott não faz parte nem dos entusiastas do desenvolvimento nem de seus apaixonados e patéticos contestadores. Por meio da investigação de todo o desenvolvimento inglês, procura encontrar um caminho ‘mediano’ entre os extremos em luta. Na história inglesa, encontra o consolo de a violenta oscilação das lutas de classes ter sempre acabado por apaziguar-se em um glorioso ‘meio’ (LUKÁCS, 2011, p. 48).

No romance *Agosto*, o autor procura a mediania. Não assume uma posição entre este ou aquele lado em conflito. Pelo contrário, sua narrativa figura de maneira clara, objetiva e fundamentada na história cujo enredo é inserido. À maneira de Scott, o romancista de *Agosto* demonstra sua imparcialidade no trato dos fatos, permitindo que a trama represente a época em questão com toda a sua complexidade e implicações na vida dos indivíduos que viveram aquele momento de crise. Mesmo que alguns personagens se mostrem alheios às disputas políticas, como o caso de Alice, Salete, Pádua e o próprio Alberto Mattos, estes têm suas vidas afetadas pelos fatos ou ações dos grandes nomes da história, sem que sua relevância como membros das massas populares sejam ofuscadas.

Quanto aos personagens, o romance histórico apresenta dois modelos distintos: os personagens centrais, ou históricos-mundiais, e os personagens medianos. Os personagens centrais são as figuras históricas que permeiam a narrativa, em que a presença no enredo confere, aliada a outros elementos, ancoragem histórica. Os medianos, são os fictícios, ou seja, são os que protagonizam a trama apresentando toda a complexidade do recorte temporal e das forças envolvidas no ambiente de crise representado. Assim, Lukács afirma que “antes de Scott, os traços humanos típicos, em que se evidenciam as grandes correntes históricas, jamais haviam sido figurados com tal grandiosidade, univocidade e concisão” (LUKÁCS, 2011, p. 51). Desse modo, o talento de Walter Scott pode ser identificado na construção dos personagens medianos.

O ‘herói’ do romance scottiano é sempre um *gentleman* inglês mediano, mais ou menos medíocre. Em geral, este possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa. [...] Na construção desses heróis ‘medianos’, apenas corretos e nunca heroicos, expressa-se o extraordinário talento épico de Walter Scott (LUKÁCS, 2011, p. 49).

O comissário Alberto Mattos é o típico herói mediano. Sua inteligência prática, mas não excepcional, sua firmeza moral e honestidade são retratadas como excepcionalidade no meio policial do Rio de Janeiro da década de 1950. O caráter de Mattos não é construído a partir de uma causa a que deva se dedicar de maneira apaixonada. Pelo contrário, diante da divisão política que se encontrava o Brasil em 1954, ele não toma partido de nenhum dos lados. Demonstra consciência do momento em que vive, mas não é capaz de assumir um dos lados em conflito. Seu sólido caráter é fruto de suas convicções particulares sem grandes pretensões. Desse modo, ao Analisar *Agosto* a partir da teoria literária lukácsiana, as características identificadas em Alberto Mattos o fazem ser o herói mediano, prosaico e a figura central do romance (LUKÁCS, 2011). Tal característica fica evidente no diálogo entre o comissário Mattos e seu subordinado Rosalvo:

‘Posso lhe fazer uma pergunta?’
‘Pode’, respondeu o comissário.
‘Afinal, o senhor é lacerdista ou getulista?’
‘Tenho que ser uma dessas duas merdas?’
‘Não senhor’, disse Rosalvo ao ver a careta do comissário. ‘O corcunda é que sabe como se deita’ (FONSECA, 2011, p. 35).

Desse modo, fica clara a imparcialidade do herói mediano e sua finalidade no romance histórico. De acordo com Lukács, a tarefa do herói mediano é “[...] mediar os extremos cuja luta ocupa o romance e pela qual é expressa ficcionalmente uma grande crise da sociedade” (2011, p. 53). Por ser ele a figura central, seu lugar na trama garante “[...] um solo neutro sobre o qual as forças sociais opostas possam estabelecer uma relação humana entre si” (LUKÁCS, 2011, p. 53). Assim, o destino do herói mediano não está aliado a nenhum dos partidos em conflito, como o personagem Alberto Mattos, no romance *Agosto*, que contribui para a neutralidade da narrativa e do reporte do tempo figurado. Além do herói mediano, há que se destacar a figura do herói histórico e sua aparição no enredo. Lukács descreve de maneira consistente o lugar que ele ocupa e o preparo psicológico que o autor de romance histórico deve proporcionar ao leitor para que ele possa submergir na narrativa.

E, depois de nos termos transformado em participantes compassivos e conscientes dessa crise, depois de termos compreendido bem os fundamentos dos quais ela emerge, por que razões a nação se cindiu em dois campos contrários, depois de termos visto como as diferentes camadas da população se comportam em relação a essa crise, somente então o grande herói histórico entra em cena no romance. Portanto, quando aparece diante de nós, ele está pronto em sentido psicológico, e é até obrigado a estar pronto, pois aparece para cumprir sua missão histórica na crise (LUKÁCS, 2011, p. 55).

Levando em consideração a citação anterior de Lukács, podemos afirmar que Getúlio Vargas é o herói histórico de *Agosto*. É ele quem vem sendo moldado ao longo do enredo a partir das condições reais da vida representada. Sua figuração é construída durante a trama para cumprir a missão diante da crise estabelecida. Seu suicídio é o recurso último para evitar a renúncia ou a deposição, mas também é uma saída honrosa, a seu ver, para não concretizar a solução deficitária acordada na reunião ministerial à véspera - o licenciamento. Se a nação estava dividida, se não havia meios para contornar a crise política instaurada, o suicídio seria, então, a solução. Getúlio Vargas morreria como presidente, não se licenciaria, não seria deposto, não renunciaria ao posto, mas, como afirmou em sua carta testamento escrita pouco antes do suicídio: “dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.” (VARGAS, 1954, p. 01).

As características do herói mediano e do herói histórico são elementos que garantem o caráter popular da prosa de Walter Scott. O romance histórico de tipo clássico que se depreende daí permite perceber o nível da importância que a vida popular alcançou na figuração histórica. Comparado às grandes figuras centrais da história, os indivíduos ligados à vida do povo assumem um papel igualmente relevante (LUKÁCS, 2011). Além disso, elas surgem a partir do ser da época, não o contrário. Por isso, segundo o autor de *O romance histórico*, “elas nunca podem ser figuras centrais do ponto de vista do enredo” (LUKÁCS, 2011, p. 56). Do mesmo modo, essas características também são percebidas em *Agosto*. Personagens como Getúlio Vargas, Carlos Lacerda, Climério e Gregório Fortunato, por exemplo, aparecem no romance de Rubem Fonseca como coadjuvantes. Esses personagens históricos apresentam a mesma relevância histórica que as massas populares na forma do romance histórico.

Outro aspecto do romance histórico, presente tanto nas obras de Walter Scott quanto em *Agosto*, de Rubem Fonseca, é o fato de o romance não figurar exclusivamente a vida das classes oprimidas. Caso isso ocorresse, “[...] significaria uma concepção estreita desse caráter popular” (LUKÁCS, 2011, p. 68). Por isso, o autor nos apresenta vários estratos da sociedade

carioca de meados do século XX. Em *Agosto* temos figurada a vida na favela do morro do Tuiuti, nos subúrbios do Rio de Janeiro, na baixada fluminense, mas também há a representação dos círculos sociais da elite carioca, dos centros do poder político, como o Congresso Nacional e o Palácio do Catete, e dos costumes e hábitos da classe média. Desse modo, a figuração em *Agosto* parte da totalidade da vida nacional permitindo a interação entre o “alto” e o “baixo”. Essa peculiaridade inaugurada por Scott é elogiada por Lukács (2011, p. 68):

Como todo grande ficcionista popular, Walter Scott parte da figuração da totalidade da vida nacional em sua complicada interação entre ‘alto’ e ‘baixo’; aqui, a enérgica tendência ao caráter popular se manifesta no fato de que ele enxerga no ‘baixo’ a base material e a explicação literária da figuração daquilo que ocorre no ‘alto’.

Por retratar as grandes convulsões da histórica como determinantes da vida do povo, *Agosto*, como um legítimo romance histórico, permite-nos perceber como as mudanças históricas afetam a vida geral da nação. Essas convulsões não são momentos isolados, mas fatores que reverberam em mudanças materiais e psicológicas na vida de seus contemporâneos. Mesmo estes não compreendendo suas causas, são capazes de agir imediatamente e com veemência. Assim, “as tendências históricas recebem no ‘alto’ uma expressão mais nítida e generalizada” (LUKÁCS, 2011, p. 68), mas é no “baixo” que percebemos como essas tendências se transformam em “verdadeiro heroísmo das lutas incessantes das oposições históricas” (LUKÁCS, 2011, p. 69). Fonseca consegue retratar com maestria essas oposições históricas e seus reflexos na vida do povo. A reviravolta política ocasionada pelo suicídio de Getúlio Vargas descrita em *Agosto* é um testemunho disso:

‘Os milicos são muito burros. Aí é que está a busfília. Se deixassem Getúlio em paz o velho gagá ia morrer escrachado, sendo penteado em público pelo Anjo Negro, afogado no mar de lama. Mas os milicos apertaram ele na parede, sem dar a ele uma chance de livrar a cara. Fizeram o jogo do Lacerda, que é um maníaco que não sabe onde parar. O povo já tinha tirado novamente o retrato do velho da parede, agora vai começar tudo de novo, o velho virou santo, como todo político que morre no governo, neste país de merda’.

‘Você não era lacerdista? Contra o Getúlio?’

‘Virei a casaca’ (FONSECA, 2011, p. 362).

De *Waverley* (1814) a *Agosto* (1990) há uma significativa distância temporal com contextos e pretextos diferentes daqueles que permitiram a Walter Scott construir seu romance histórico. Prova disso é a reflexão de Anderson. Para ele, “se o romance histórico

começa como um exercício de construção nacional no rescaldo da reação romântica à Revolução Francesa e à expansão napoleônica, os resultados variam segundo cada contexto” (ANDERSON, 2007, p. 211). Essa variação é percebida no romance histórico de Scott e de Fonseca. A emergência da nação não é mais o princípio que motiva o romancista histórico contemporâneo, mas a devastação dos impérios, através da vilania humana. Assim, mesmo que haja variação do modelo clássico para aquele apresentado por Rubem Fonseca, a essência do romance histórico permanece conservada. Essa essência conservada por Fonseca e expressa em *Agosto* pode ser relacionada à seguinte afirmação de Anderson (2007, p. 219):

Ditaduras militares, assassinatos raciais, vigilância onipresente, guerras tecnológicas e genocídio programado. O persistente pano de fundo da ficção histórica do período pós-moderno está nos antípodas de suas formas clássicas. Não há emergência da nação, mas as devastações do império; não ao progresso como emancipação, mas a catástrofe iminente ou consumada.

Portanto, a partir de todas as características identificadas no romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, fundamentadas na teoria literária de György Lukács, pode-se afirmar que se trata de um verdadeiro romance histórico. Mesmo que haja algumas diferenças entre o romance histórico de tipo clássico do século XIX e esse escrito em 1990, no contexto da América Latina, essas diferenças não interferem na essência dessa forma romanesca popular e de bases históricas que designamos como romance histórico.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo identificar os elementos clássicos do romance histórico presentes em *Agosto*. Para isso, buscamos compreender quais são os elementos necessários que caracterizam um típico romance histórico e não apenas um romance com roupagem ou temática histórica. Assim, a análise comparativa entre a prosa romanceada de Walter Scott e a de Rubem Fonseca, expressa no romance *Agosto*, foi realizada com o intuito de identificar os elementos constitutivos do romance histórico.

A discussão partiu do seguinte problema: como Rubem Fonseca figura a crise de 1954 através da forma do romance histórico em *Agosto*? Sendo assim, na tentativa de respondê-lo, percebeu-se o acurado trabalho historiográfico do autor ao nos apresentar a crise de 1954, que culminou com o suicídio de Getúlio Vargas. Ancorado nesse contexto, Fonseca fez uso dos

elementos clássicos do romance histórico identificados por Lukács e citado na seção anterior e os inseriu no contexto literário do século XX, como considerou Perry Anderson. Portanto, *Agosto* pode ser considerado um legítimo romance histórico, não só pelo seu teor histórico, mas também pela forma que configura passado.

Não se pode deixar de notar a diferença motivacional entre os autores de *Waverley* e de *Agosto*. O primeiro é motivado pela emergência da nação. O segundo, pela representação das forças políticas e sociais em conflito, cujo interesse não representa o bem da nação como destacado por Anderson (2007) ao se referir ao romance histórico pós-moderno. Mesmo assim, esse fator não desabona a classificação de *Agosto* como romance histórico, já que é possível perceber no romance de Rubem Fonseca os principais elementos do romance histórico destacados por Lukács (2011).

Portanto, por seu caráter popular e estreita relação com a história, o romance histórico pode ser considerado um recurso para compreender o passado e suas implicações no presente. Prova disso é o fato da narrativa de *Agosto* se mostrar atual mesmo sendo escrita em 1990 e remontar o ano de 1954. Ou seja, por mais que os grupos em conflito possuam novos nomes e expoentes, suas motivações permanecem semelhantes ao jogo político do tempo de Vargas. Assim, o gênero inaugurado por Walter Scott no século XIX ultrapassou as fronteiras da Europa e chegou ao Brasil, sendo o romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, um de seus exemplares.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n 77, março 2007. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100010>
Acesso em: 29 junho 2023.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Carta testamento**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/getulio-vargas/carta-testamento-de-getulio-vargas> Acesso em: 30 junho 2023.

CASTRO, Clarissa Mainardi Miguel. **O Governo Democrático de Getúlio Vargas através dos cinejornais**. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2013. Disponível em:
<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1718.pdf> Acesso em: 28 junho 2023.

CUNHA, Thársyla Glessa Lacerda da. **Um mês de desgosto: a atuação dos jornais Tribuna da Imprensa e Última Hora na crise de agosto de 1954**, Juiz de Fora-MG, v 04, n 08, 2018.

Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/27248/18804>
Acesso em: 29 junho 2023.

FONSECA, Rubem. **Agosto**. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2011.

LACERDA, Carlos. **O sangue de um inocente**. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro-DF
Ano 6. N° 1402. 05 ago. 1954. Capa, p. 1. Disponível em:
<http://memorialdademocracia.com.br/card/atentado-a-lacerda-mata-o-major-vaz> Acesso em:
29 junho 2023.

LÚKACS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo,
2011.

MEDEIROS, Fabrício Ferreira de. Carlos Lacerda e a radicalização da oposição ao getulismo
(1945-1954). In. História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica. 19., 2020, Rio
de Janeiro-RJ, **XIX Encontro de História da ANPUH-RIO**, 21-25 set. 2020. Disponível em:
[https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-
erh2020/1597847640_ARQUIVO_4d381784d1ce86e6eed1e4ec0c459df6.pdf](https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1597847640_ARQUIVO_4d381784d1ce86e6eed1e4ec0c459df6.pdf) Acesso em: 29
junho 2023.